

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Lara Paim de Sene

**Ação cultural como prática urbana:
Os diálogos entre o Centro Cultural
Ocupação Ouvidor 63 e a cidade.**

São Paulo

2022

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Ação cultural como prática urbana:

**Os diálogos entre o Centro Cultural
Ocupação Ouvidor 63 e a cidade.**

Lara Paim de Sene

Orientador: Prof(a). Dr(a). Dennis de Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira
Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista Gestão de Projetos Culturais e Eventos

São Paulo

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente aos meus pais, Adonira e Valter, por acreditarem em mim mais do que eu mesma, por serem sempre tão presentes e afetuosos, por me apoiarem em todos os meus caminhos, por mais oblíquos que eles pareçam ser.

Às minhas irmãs, por me despertarem tantas curiosidades e vontades de crescer, por serem minhas principais referências de arte e de vida, por serem o novelo que me sustenta e me abriga nos momentos mais fortes e mais fracos.

Às minhas amigas-irmãs flutuantes, Beatriz, Luiza e Isadora por serem sempre tão atentas e companheiras em todas as minhas buscas, desejos criativos e pesquisas.

À toda comunidade moradora do Centro Cultural Ocupação Ouvidor 63 por me acolher de forma tão aberta e carinhosa e me ensinar tanto sobre arte, cultura e cidade. Agradeço em especial meu amigo Bryan Meza por alimentar nossas conversas com todas suas referências e vivências, por me escutar, critica e fortalecer meu trabalho.

À todos os meu colegas do CELLAC, em especial minha amiga Marina por toda parceria nos trabalhos e nas angústias, mas principalmente por sempre me incentivar a concluir o curso e também as minhas companheiras de grupo de orientação, Vivian, Ana Clara, Larissa, Daniela, Luana e Beatriz.

Ao meu orientador da graduação Adriano Canas, por me todas as trocas de referencias sobre cultura, arte e arquitetura, pela escuta e acolhimento em momentos extremamente difíceis como a pandemia, mas principalmente por acreditar em mim e me fortalecer sempre quando precisei.

Ao meu orientador Dennis de Oliveira, por todos os referencias teóricos e compartilhamento de saberes.

AÇÃO CULTURAL COMO PRÁTICA URBANA: DIÁLOGOS ENTRE CENTRO CULTURAL OCUPAÇÃO OUVIDOR 63 E A CIDADE¹

Lara Paim de Sene²

Resumo: O artigo parte do estudo de caso da ocupação artística urbana Ouvidor 63 e seus diálogos com a cidade e o centro de São Paulo, buscando analisar esse contexto a partir da perspectiva da cultura como ferramenta política de ativação de processos coletivos e subjetivos capazes de alimentar articulações populares em defesa do direito à cidade. A pesquisa articula conceitos como o Direito à Cidade, defendido por Henri Lefebvre, o papel da cidade na luta anticapitalista de David Harvey, o cotidiano enquanto dimensão estruturante do espaço, de Milton Santos e ação cultural como prática para liberdade de Paulo Freire.

Palavras-chave: Direito à Cidade. Autonomia, Cotidiano. Memória. Ação Dialógica, Processos Participativos. Espaços Públicos. Subjetividade Urbana

Cultural action as urban practice: dialogues between Centro Cultural Ocupação Ouvidor 63 and the city

Abstract: The article is based on a case study of the urban artistic occupation Ouvidor 63 and its dialogues with the city and downtown São Paulo, seeking to analyze this context from the perspective of culture as a political tool for activating collective and subjective processes capable of fueling popular articulations in defense of the right to the city. The research articulates concepts such as the Right to the City, advocated by Henri Lefebvre, the role of the city in the anticapitalist struggle by David Harvey, everyday life as a structuring dimension of space by Milton Santos, and cultural action as a practice for freedom by Paulo Freire.

Keywords: Right to the City. Autonomy. Everyday life. Memory. Dialogical Action. Participatory Processes. Public Spaces. Urban Subjectivity.

Acción cultural como práctica urbana: diálogos entre Centro Cultural Ocupação Ouvidor 63 y la ciudad.

Resumen: El artículo parte del estudio de caso de la ocupación artística urbana Ouvidor 63 y sus diálogos con la ciudad y el centro de São Paulo, buscando analizar este contexto desde la perspectiva de la cultura como herramienta política de activación de procesos colectivos y subjetivos capaces de alimentar articulaciones

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

² Lara Paim de Sene é graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Uberlândia, cursa atualmente Cenografia e Figurino na SP Escola de Teatro.

populares en defensa del derecho a la ciudad. La investigación articula conceptos como el Derecho a la Ciudad, defendido por Henri Lefebvre, el papel de la ciudad en la lucha anticapitalista de David Harvey, la vida cotidiana como dimensión estructurante del espacio según Milton Santos y la acción cultural como práctica para la libertad según Paulo Freire.

Palabras clave: Derecho a la Ciudad. Autonomía. Cotidiano. Memoria. Acción Dialógica. Procesos Participativos. Espacios Públicos. Subjetividad Urbana.

1. Introdução:

Esse projeto busca articular o imbricamento entre as lutas por direito à cultura e direito à cidade, a fim de identificar como a ação cultural pode articular forças políticas coletivas, que se fazem no cotidiano e na cidade, e constroem contranarrativas³ urbanas de resistência aos processos neoliberais capitalistas. Nesse sentido, a pesquisa parte do estudo de caso da ocupação artística urbana Ouvidor 63, buscando analisar esse fenômeno a partir da perspectiva da cultura como ferramenta política de ativação de processos coletivos e subjetivos capazes de alimentar articulações populares em defesa do direito à cidade.

O projeto foi norteado pelas seguintes perguntas: Quais os diálogos entre a Ouvidor 63 e a cidade? Quais são os processos que impedem a apropriação desses movimentos pela lógica mercadológica? A partir dessas indagações a pesquisa foi conduzida sempre associando teoria e prática, por meio de oficinas, trocas de saberes e uma reflexão teórico-prática sobre as experiências compartilhadas com os moradores da Ouvidor 63. As oficinas⁴ foram estruturadas a partir das ferramentas artísticas do Coletivo Flutua⁵, de forma a criar um espaço para experimentações de técnicas e materialidades, desenhos e compartilhamentos sobre as relações entre arte, cultura, cidade e meio ambiente. Portanto, este artigo se configura como um diário reflexivo destas experiências e experimentações artísticas.

Para uma análise do contexto em que se insere o objeto de estudo, utiliza-se a leitura de Ermínia Maricato sobre as estruturas urbanas históricas e vigentes que configuram o centro de São Paulo, a maior cidade da América Latina, em diálogo a esta leitura se relaciona a perspectiva de Milton Santos sobre as dinâmicas territoriais e a manifestação da consciência social. Para se compreender as formas de produção da cidade e a definição de direito à cidade foram apresentados os olhares de Henry Lefebvre e David Harvey para a cidade enquanto centro da vida social e política e para o comum urbano e as tensões sobre quem configura a vida urbana cotidiana.

³ Por contranarrativas se compreende como discursos, histórias e vivências que tensionam um senso predominante, neste caso, a narrativa neoliberalista.

⁴ O material preparado para a oficina, os registros fotográficos e os desenhos coletivos estão no apêndice I.

⁵ FLUTUA é um coletivo que busca, através de práticas efêmeras – em especial pneumáticas – explorar o potencial de um criar coletivo em atividades expressivas que geram a reflexão acerca de uma melhor compreensão de si, do espaço onde vivem e da sua relação dentro da cidade. Para saber mais acesse nosso site: <https://flutua.or>

Quando essa discussão é colocada no prisma da cultura, a análise dos fenômenos urbanos busca em Paulo Freire e sua teoria da ação dialógica, adotando a concepção da ação cultural como prática urbana de transformação da realidade.

A partir da perspectiva da cidade e do cotidiano enquanto estruturas fundamentais da democracia, frente a atual e histórica crise urbana, social, política, ambiental e econômica, faz-se urgente repensar as relações tradicionais de produção da cidade e dos espaços sociais urbanos e identificar estratégias de articulação popular e construção de contranarrativas que tensionam as estruturas estratificadas de poder. Nesse contexto e sob uma ótica decolonial, observa-se o fortalecimento de movimentos urbanos que rompem com a lógica hegemônica institucionalizada no planejamento urbano e defendem a participação urbana e a coprodução da cidade como experiências fundamentais na garantia do direito à cidade. Nesse mesmo sentido, a defesa dos direitos culturais se solidifica com a expansão da noção de cultura como prática política cotidiana e a percepção da importância do acesso à cultura e à produção cultural.

David Harvey, a partir do conceito de Direito à Cidade apresentado por Lefebvre, defende a importância do poder coletivo na construção das cidades

“O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso à recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é, como procuro argumentar, um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos.” (HARVEY,2012,p.74)

Nesse cenário, a ocupação cultural urbana Ouvidor 63 se mostra um fenômeno de resistência artística, apropriação urbana e luta por moradia, marco histórico não apenas na cidade de São Paulo como em toda a América Latina. Portanto, busca-se analisar esse fenômeno a partir da compreensão das intersecções entre direito à cidade e direito à cultura, na defesa de expressões populares e dissidentes que

suscitam processos coletivos de construção da cidade enquanto espaço estruturante da democracia.

O presente artigo foi escrito como projeto de conclusão do curso de Gestão de Projetos Culturais do CELLA - USP e representa o primeiro momento de uma pesquisa que não se encerra nesta escrita. É importante salientar que as questões levantadas aqui são disparadoras de processos complexos em curso e fluxo contínuo e portanto, o que se ensaia aqui é uma investigação inicial.

Nos tópicos a seguir será apresentado um breve panorama do contexto urbano em que se insere a pesquisa, o Centro Cultural Ouvidor 63 e o centro de São Paulo e suas dinâmicas sócio econômicas .

1.1 Centro Cultural Ocupação Ouvidor 63



Figura 01: Fachada Centro Cultural Ocupação Ouvidor 63. Fonte: Autora

O Centro Cultural Ocupação Ouvidor 63, umas das maiores ocupações artísticas urbanas da América Latina, se configura como um espaço de conquista

diária de direito à cidade, direito à moradia e direito à cultura. O edifício de 13 andares, localizado na rua do Ouvidor, região da Sé e do Vale do Anhangabaú, se insere em um contexto urbano de valor simbólico e cultural irreprodutível. Desapropriado pelo Estado na década de 1950, o prédio abrigou diferentes usos públicos como departamentos estaduais, o último foi a Secretaria de Estado de Cultura até 1998, depois disso foi ocupado por moradia por nove anos até que as famílias moradoras foram transferidas para outras residências e o edifício ficou abandonado de 2005 até maio de 2014, quando se iniciou o movimento cultural que conhecemos hoje como Ouvidor 63.

Reconhecida como ponto de cultura desde 2018, a ocupação é fruto da articulação de diferentes coletivos artísticos que buscam oferecer uma programação sociocultural que associa a democratização e o acesso à cultura como a participação nas produções culturais do espaço e a promoção da arte enquanto ferramenta de conquista de espaço público e acesso à moradia popular no centro de São Paulo. Além de Centro Cultural aberto ao público e espaço de experimentações artísticas de diferentes linguagens como circo, teatro, dança, música, capoeira entre outras, a ocupação funciona também como habitação popular para artistas provenientes de diferentes estados brasileiros e de outros países, em especial da América Latina, como Peru, Venezuela, Colômbia, Chile, Argentina e Equador.

O prédio abriga dentro de si uma pluralidade de vozes e formatos organizacionais, cada andar é ocupado por um coletivo diferente e possui sua própria estrutura de autogestão. Os espaços compartilhados como o teatro, a galeria, as oficinas e laboratórios, a cafeteria, a biblioteca e a portaria são administrados pela união de todos os coletivos, que se reúnem em uma gestão coletiva e centralizada do edifício e do centro cultural como um todo nas assembleias semanais, que acontecem toda segunda-feira à noite. As cafeterias, como são chamados cafés com a venda de alimentos que acontece na porta da Ouvidor 63, também são uma ferramenta coletiva, elas funcionam como uma forma de arrecadação de verbas e diálogo com a comunidade urbana do entorno. Cada coletivo tem o direito de manifestar interesse em organizar uma cafeteria e solicitar a data durante a assembleia, a produção e venda dos quitutes fica a cargo do coletivo do dia e a verba proveniente vai para o caixa particular do coletivo responsável. Autonomia é uma palavra muito central na rotina da Ouvidor 63, percebe-se uma constante significação e ressignificação sobre

vivências autônomas e dissidentes, as articulações entre as diferentes perspectivas de vida, os sonhos individuais e os coletivos, as prioridades e lutas diárias de cada um é um movimento vivo, um diálogo diário.

1.2 Reivindicar e ocupar o centro de São Paulo

Falar sobre cidade e sobre direito a cidade é compreender que a dinâmica urbana é viva, se faz no dia a dia, através de constantes disputas, tensões e negociações, por isso é essencial olhar constantemente para as relações sócio espaciais que se estabelecem a partir da ordem econômica vigente: o capitalismo e o neoliberalismo. Desde a década de 1960 Lefebvre apresenta um panorama sobre estas relações: “Como a democracia urbana ameaçava os privilégios da nova classe dominante, esta impediu que essa democracia nascesse. Como? Expulsando do centro urbano e da própria cidade o proletariado, destruindo a “urbanidade”.” (LEFEBVRE, 2016, p.24).

Nas cidades brasileiras essa estratificação espacial é ainda mais radical, é muito visível a forma como a lógica mercadológica afeta diretamente a gestão e produção dos espaços urbanos no centro de São Paulo. Este projeto político é também uma herança colonial, um processo histórico marcado pela desigualdade social e segregação espacial. A estrutura urbana brasileira reflete esse sistema de concentração de recursos e terras nas mãos da elite e a escravidão, enquanto elemento central da economia e da sociedade colonial, perpetuou uma hierarquia social baseada na discriminação racial e socioeconômica, na qual a população negra e pobre foi marginalizada e excluída das áreas urbanas centrais.

Nas décadas de 1960 e 1970 uma série de iniciativas políticas higienistas, sob a máscara de uma promessa de modernização e revitalização, demoliram os cortiços do centro de São Paulo e removeram as comunidades que ali moravam. A ausência de políticas habitacionais efetivas e de programas de realocação adequados para as famílias deslocadas contribuiu para o agravamento desse abismo social, uma vez que muitas famílias de baixa renda foram obrigadas a se estabelecer em áreas periféricas da cidade, distantes dos serviços básicos e oportunidades de trabalho.

Com o crescimento econômico e a expansão do mercado imobiliário, o centro histórico de São Paulo se tornou uma área atrativa para investimentos imobiliários. Esse processo, também conhecido como gentrificação, é protagonizado pela aliança entre o capital financeiro e os poderes institucionalizados e se caracteriza pela revitalização de edifícios antigos, investimentos públicos em infraestruturas urbanas e aumento do custo de vida, tornando o centro financeiramente inacessível para a população de baixa renda.

Sobre as dinâmicas urbanas históricas e vigentes no centro de São Paulo, Ermínia Maricato aponta:

“Trata-se do único lugar na cidade onde os interesses de todas as partes (mercado imobiliário, Prefeitura, Câmara Municipal, comerciantes locais, movimentos de luta por moradia, moradores de cortiços, moradores de favelas, recicladores, ambulantes, moradores de rua, dependentes químicos e outros) estão muito claros, e os pobres não estão aceitando passivamente a expulsão.” (MARICATO,2015,p.57)

Diante disto, é importante compreender que as disputas e tensões que caracterizam o centro de São Paulo significam a reivindicação por um local de privilégios, um território que concentra capital simbólico, capital cultural e capital financeiro. Além de uma localização estratégica que permite um fácil acesso para qualquer ponto da cidade, possui uma infraestrutura urbana completa, abriga equipamentos públicos de saúde, educação, cultura e órgãos governamentais. “O centro de São Paulo “trata-se de um patrimônio social já amortizado por décadas de investimento público e privado. A disputa irá definir quem vai se apropriar desse ativo urbano e com que finalidade.” (MARICATO,2015, p.61)

2. Flutua + Ouvidor 63 diálogos sobre práticas artísticas urbanas e resistência cultural

Os termos upcycling e site specific serão abordados durante o texto, portanto faz-se necessário trazer sua conceituação antes de seguir o desenvolvimento do trabalho.

Upcycling é um movimento cultural que busca promover a transformação de materiais descartados em novos objetos com valor cultural, social e estético. A prática artística parte do simples ato de reutilizar materiais que seriam descartados e valorizar a criatividade, o design e a expressão artística como processos de produção consciente. Ao repensar as técnicas e materiais, o upcycling propõe uma nova postura sobre os impactos ambientais da produção em massa e do descarte de objetos, incentivando a busca por alternativas sustentáveis. Ele desafia a mentalidade do consumo descartável, incentivando as pessoas a repensarem a maneira como percebem e utilizam os materiais. O processo de coleta, curadoria e customização de objetos manifesta expressões de identidade e promove a valorização do artesanato, da habilidade manual e da criatividade, estimulando as pessoas a se tornarem ativas na transformação de sua realidade por meio do reaproveitamento de materiais. Além disso, também pode envolver a criação de comunidades e redes de pessoas que compartilham ideias, técnicas, referências e materialidades, essas comunidades proporcionam um espaço para a troca de conhecimentos e experiências, fortalecendo o movimento e incentivando a inovação e a colaboração.

O site-specific é um movimento na arquitetura e nas artes plásticas que se refere a obras de arte ou projetos arquitetônicos que são especificamente concebidos e criados para um local ou ambiente específico. O movimento site-specific desafia as convenções tradicionais da arte e da arquitetura, buscando romper com a noção de que as obras de arte devem ser independentes do ambiente em que estão inseridas. Em vez disso, ele busca estabelecer uma conexão mais profunda entre a obra, o local e o público, promovendo uma experiência única e imersiva, levando em consideração a interação entre a obra e o público no contexto espacial específico.

A partir da perspectiva da arte enquanto práxis ativadoras de processos reflexivos, da ação cultural como compartilhamento de saberes e tecnologias e do conhecimento enquanto construção aberta, colaborativa e dinâmica, a pesquisa optou por estabelecer um canal de comunicação e trocas de saberes através de momentos prático-reflexivos em oficinas. Dessa forma, buscou-se utilizar a prática artística enquanto ferramenta para problematização da vida cotidiana, aproximando a discussão conceitual de direito à cidade da vivência social dos moradores da ocupação.

As oficinas foram ministradas em colaboração com o coletivo Flutua⁶ e integraram a programação de aniversário de 09 anos da Ocupação Ouvidor 63. Elas aconteceram em dois dias diferentes, em parceria com os coletivos que habitam o prédio.

Segue-se uma breve contextualização sobre a Flutua e o porque da escolha dessa interlocução dentro do trabalho de campo.

Flutua é um coletivo que trabalha com oficinas educativas e estruturas infláveis feitas de materiais plásticos descartados. O grupo busca, através de práticas efêmeras explorar o potencial de um criar coletivo em atividades expressivas que geram a reflexão acerca de uma melhor compreensão de si, do espaço onde vivem e da sua relação dentro da cidade. O coletivo surgiu na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) a partir de um desejo urgente de estudantes de arquitetura e urbanismo de expandir os campos institucionais de atuação da universidade, democratizar as noções de arquitetura e urbanismo, despadronizar as formas de criar e experimentar novas formas de conversar com a cidade, através de intervenções site-specific que buscam alimentar novos imaginários e posicionamentos criativos e críticos.

Flutua entende a cidade enquanto processo e diálogo e defende, assim, a potencialidade de corpos ativos e plurais na apropriação e criação coletiva da cidade, Flutua infla suas estruturas com materiais do cotidiano (plástico de reuso, fita, tesoura, papel, ferro de passar roupa) como possibilidades de um fazer crítico,

⁶ O Manifesto da Flutua se encontra no apêndice II. Para saber mais informações sobre o coletivo acessar o site flutua.org

criativo e democrático. Por essa razão optou-se por utilizar os repertórios e referências do coletivo como espaço para compartilhamento de técnicas artísticas, experimentações de materialidades plásticas e trocas de saberes e vivências.



Figura 2: Intervenção Flutua em Uberlândia, ação sobre mobilidade a pé parte do projeto Como Anda. Fonte: Olívia Franco. Agosto, 2020

A primeira oficina aconteceu no oitavo andar, estúdio de artes integradas compartilhado em sua maioria por artistas visuais, a proposta foi dialogar com o desfile Periespiritu, um movimento de moda upcycling pós apocalíptica do artista residente Diego Marcilio. Esse dia foi marcado por trocas transdisciplinares entre todos os artistas presentes, a temática do upcycling foi a que mais se desenvolveu, muito em resposta as pessoas participantes, todos de alguma forma envolvidos com expressões artísticas que se fazem a partir da deriva urbana e coleta de materiais descartados pela cidade.

A segunda oficina aconteceu no nono andar, espaço ocupado pelas manas, e foi acolhida com uma mesa de quitutes preparados pelas moradoras. Estiveram presentes cerca de dez pessoas, duas delas crianças de oito e seis anos, entre moradores e visitantes, artistas latino americanas de países como Argentina, Chile, Equador, Colômbia e Brasil. Foi possível perceber como as especificidades de contexto de cada andar geraram dinâmicas diferentes, nesse dia, a presença das crianças estabeleceu novos diálogos sobre os temas levantados e a discussão se

voltou mais sobre o conceito de tecnologia e os lugares da memória e da imaginação na criação de espaços utópicos e cidades sonhadas.



Figura 3: Oficina realizada no nono andar do Centro Cultural Ocupação Ouvidor 63. Fonte: Kayque Barros. Maio, 2023

A estrutura da oficina foi a mesma para os dois dias e foi dividida em três momentos diferentes:

1. **Apresentação e troca de referências:** formou-se uma roda no chão e cada pessoa pôde contar um pouco de si, suas histórias e experiências artísticas, foi conversado sobre quem é a Flutua, contextualizando suas relações entre arte, cidade, meio ambiente e educação. Foram apresentadas referências de projetos artísticos que trabalham com intervenções urbanas e instalações infláveis, como Basurama⁷, Inflou Inflou⁸, Penique⁹Productions e Pneuhaus¹⁰,

⁷ Basurama é um coletivo dedicado à pesquisa, criação e produção cultural e ambiental fundado em 2001, que concentra sua área de estudo e atuação nos processos produtivos, na geração de resíduos que eles implicam e nas possibilidades criativas que surgem dessas situações contemporâneas.

⁸ Inflou Inflou é um laboratório, localizado em São Paulo, de experimentação em arquitetura efêmera e urbanismo tático e o que agente faz de melhor são estruturas infláveis de todos os tipos, tamanhos e sabores.

⁹ Penique Productions é um projeto artístico focado em instalações infláveis e efêmeras. Surgiu em 2007 no curso de Belas Artes da Universitat de Barcelona com a primeira instalação, Espai 1, criada por Sergi Arbusà.

¹⁰ Pneuhaus cria alegres instalações de arte temporárias para eventos, cidades e festivais, utilizando luz, tecido e ar em sua construção.

também foram levantadas referências de moda upcycling, uma vez que muitas pessoas da ocupação já estão envolvidas com projetos de moda e design sustentável e tem interesse em se aprofundar nesse campo. Esse primeiro momento foi uma forma de coletivizar repertórios sobre artes transdisciplinares que interseccionam diferentes linguagens artísticas e performativas, em especial materialidades plásticas e ressignificação de materiais recicláveis. Foi uma importante troca sobre trajetórias e narrativas urbanas onde foi possível conhecer alguns dos projetos desenvolvidos pelos moradores do centro cultural que dialogam bastante com os temas abordados. Destaca-se aqui dois desses trabalhos, o Sucata Quântica e o Motor Humano.

Sucata Quântica é um projeto de pesquisa interdisciplinar e uma oficina de resgate de objetos, materiais e práticas mediante upcycling, a iniciativa discute o consumo e o desperdício de recursos naturais, como água e energia, através da ressignificação e customização de sucatas, termo utilizado para se referir a materiais considerados em fim de vida. Dessa forma, materiais considerados lixos se transformam em matéria prima para cenografias, luminárias, móveis e objetos artísticos. Para além da prática de transformar objetos descartados, eles buscam conscientizar e inspirar mudanças mais amplas nos padrões de consumo e na forma como enxergamos e valorizamos os materiais em nossa sociedade.

“Acreditamos que a criatividade surge quando baixamos um pouco a velocidade e paramos para pensar: O que podemos fazer com as coisas “inúteis” sem ser coloca-las em um saco de lixo? Queremos repensar a utilidade e a real necessidade das coisas desde o reuso. Queremos construir o que precisamos e não o que nos é oferecido. Acreditamos que outro mundo pode ser possível assim” (Hamilton Ortiz, integrante do coletivo Sucata Quântica,2020)

Motor humano é um coletivo que constrói bicicletas gigantes ocupando e recuperando a cidade da civilização motorizada, fomentando a mais de dez anos o transporte não motorizado nas cidades. São artistas itinerantes, nômades, de rua, multidisciplinares, um movimento que percorre diferentes países desde Berlin, Lima,

Nantes e São Paulo, buscam despertar imaginários possíveis para reconquista de espaços urbanos para bicicletas, questionando a quantidade de espaços urbanos ociosos e mal aproveitados que a cultura automobilística gera, como estacionamentos para carros.

2. **Discussão sobre cultura e direito à cidade:** o segundo momento foi pensado como forma de integração entre a apresentação teórica e discussão política com uma reflexão mais poética e mapeamento de desejos, memórias e perspectivas artísticas. Algumas perguntas disparadoras foram levantadas para abrir um diálogo sobre cultura como ativação de pessoas, lugares e cidades: Como a autonomia é construída e alimentada no cotidiano? Quais são os processos que impedem a apropriação da Ouvidor 63 pela lógica mercadológica? Quais os diálogos entre Ouvidor 63 e a cidade? Existe um sonho que une o coletivo?

Procurou-se discutir a cidade para além de produtos materiais e arquitetônicos, mas a compreendendo enquanto espaço arena da vida cotidiana, de forma que a produção da cidade é uma relação social que extrapola os limites institucionais e invoca diferentes atores sociais, como explica Henry Lefebvre:

“A cidade é obra, a ser associada mais com a obra de arte do que com o simples produto material. Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história, ela é obra de uma história, isto é, de pessoas e grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas.” (LEFBVRE, 2016, p.56)

Esses dois primeiros encontros foram essenciais para abrir essas interlocuções entre a pesquisa presente e a ocupação, no entanto, como comentando anteriormente, são apenas um passo inicial. Como já se esperava, não foi possível se aprofundar em todas as questões apresentadas, para chegar nesse lugar seria necessário mais tempo de desenvolvimento, principalmente por se tratar de uma

narrativa coletiva. No entanto, essas trocas trouxeram três principais palavras chave que se destacaram dentre as inesgotáveis relações entre a Ouvidor 63 e a cidade, são elas **autonomia**, **democracia** e **resistência cultural**. Essas questões serão elaboradas no próximo tópico.



Figura 4: Oficina realizada no nono andar do Centro Cultural Ocupação Ouvidor 63. Fonte: Kayque Barros. Maio, 2023

3. Desenho e experimentação: no terceiro e último momento foi criado um espaço experimental no qual se propôs desenhar projetar um sonho coletivo inflável para explorar as técnicas de solda e construção de infláveis compartilhadas pelo coletivo Flutua. Entre papel Kraft, retalhos de plástico, fita, ferro de passar roupa e canetas coloridas, cada participante somou com um pouco sobre suas pesquisas e experiências pessoais. Essa parte da oficina foi uma proposta de exercício prático sobre autonomia, para a Flutua é essencial coletivizar todo o processo de criação, desde a idealização, o projeto, a técnica e o construir, ou seja, partilhar para que todos os presentes se sintam pertencentes ao projeto.



Figura 5: Momento de desenho dos sonhos coletivos, oficina realizada no nono andar do Centro Cultural Ocupação Ouvidor 63. Fonte: Kayque Barros. Maio, 2023

Considerando isso, o tempo e os recursos disponíveis no dia, no primeiro dia foi decidido construir um túnel inflável, uma pequena intervenção espacial que dialogasse com a passarela do desfile do projeto Periespiritu que aconteceu em seguida da oficina. No segundo dia de oficina as dinâmicas da prática foram protagonizadas pelas crianças presentes, que decidiram construir um novo túnel, porém dessa vez seguindo uma nova lógica de combinação de cores para construir a malha. As crianças costuraram os conhecimentos apresentados na oficina com seus imaginários, memórias e vivências culturais, se deslocando do local de espectadoras e se colocando ativamente como criadoras.

3. Ação cultural como prática urbana de conquista diária de direito à cidade

Apesar do breve tempo de trabalho de campo, algumas reverberações surgiram a partir das práticas compartilhadas durante as oficinas, as crianças seguiram criando e experimentando os objetos plásticos de forma autônoma e alguns

diálogos continuaram se construindo via WhatsApp. Portanto, para além dos registros das oficinas, as reflexões a seguir foram elaboradas também a partir das conversas e trocas com Bryan Meza¹¹, morador da ocupação Ouvidor 63 e pesquisador sobre as relações entre os processos criativos não convencionais de diferentes linguagens artísticas, arte marginal e ocupação cultural.

“Como enfrentar o mercado imobiliário altamente especulativo e excludente, garantindo o direito à cidade para todos? Como implementar a função social da propriedade contra os interesses da valorização imobiliária?” (HARVEY,2014, p.91) Compartilha-se aqui essas provocações de David Harvey diante da percepção da ocupação Ouvidor 63 como parte de um movimento cultural de resistência e questionamento sobre quem produz a cidade, um tensionamento sobre quais são os atores e narrativas que configuram a vida urbana. A partir disso, é possível observar como o alinhamento entre a luta por direito à moradia e a luta por direito à cultura configuram um cenário heterotópico¹², um espaço divergente onde se busca romper com as estruturas estratificadas de poder desenhadas pela lógica neoliberal. Para os moradores, nos seus cotidianos, isso significa a conquista diária de autonomia e sustentabilidade, seja ela autonomia de recursos naturais como água, energia e alimentação, ou também autonomia de produção cultural e expressão de narrativas plurais, invisibilizadas pelos circuitos institucionais de artes.

Em resposta a pergunta sobre quais os processos que impedem a apropriação da Ouvidor 63 pela lógica mercadológica, Bryan Meza coloca a diversidade cultural e social como uma questão central:

¹¹ Bryan Meza é artista peruano transdisciplinar, performer, pesquisador e gestor cultural. Formado em artes cênicas no centro cultural La Gran Marcha de Los Muñeones, em Lima, atualmente morador do Centro Cultural Ouvidor 63, faz parte do laboratório de pesquisa do projeto Ocupações: Arte, espaço e vida cotidiana a partir da ocupação cultural “Ouvidor 63”.

¹² Apesar de ser um conceito definido por Henry Lefebvre, o conceito apresentado aqui foi retirado do livro Cidades Rebeldes do autor David Harvey. “O conceito de heterotopia defendido por Lefebvre (radicalmente diferente do de Foucault) delineia espaços sociais limítrofes de possibilidades onde “algo diferente” não decorre necessariamente de um projeto consciente, mas simplesmente daquilo que as pessoas “fazem, sentem, percebem e terminam por articular à medida que procuram significados para sua vida cotidiana. Essas práticas criam espaços heterotópicos por toda parte. Não precisamos esperar a grande revolução para que esses espaços venham a se concretizar.”

“A diversidade cria uma sustentabilidade na comunidade ouvidor que permite existir e resistir a margem de circuitos oficiais, o processo de construção de novas relações humanas e outras metodologias de artes, novos paradigmas para a cultura urbana, tudo isso baseado nas trajetórias das pessoas moradoras, pois tem práticas culturais de diversos países, também essa diversidade autossustentável contempla uma variedade de níveis socioeconômicos, graus acadêmicos, linguagens artísticas, faixas etárias, espiritualidades, ofícios e visões de mundo.” (MEZA, 2023)

Quando se coloca a cidade enquanto um fato dado, um sistema fechado, pretende-se impor uma ideologia fatalista, imobilizante e adota-se uma gestão urbana tecnicista, racionalista e vertical. Quando elaborou as relações entre espaço e movimentos sociais Milton Santos conceituou essas estruturas verticais:

“Nessas condições, as verticalidades aparecem como vetores da modernidade mais moderna, transportadores de uma racionalidade superior, veículos do discurso pragmático dos setores hegemônicos. As ações racionais, dando-se sobre um espaço tornado racionalizado pela presença de objetos tão estritamente fabricados para dar resposta às suas exigências, criam um cotidiano obediente e disciplinado.” (SANTOS,2022, p.54)

Neste sentido, ocupar um prédio abandonado e defender gestões horizontais e autônomas, abrigar as diversidades e reivindicar moradia e cultura em um espaço central que concentra capital simbólico, financeiro e infraestrutura urbana é um ato de desobediência. Uma atitude que rompe com a subordinação à racionalidade e manifesta sua inconformidade com a ordem colocada pelas estruturas de poder hegemônicas.

O que se compreende como desobediência é na verdade uma postura dialógica que se faz no sentido de “proporcionar que os oprimidos, reconhecendo o porque e o como de sua “aderência”, exerçam um ato de adesão à práxis verdadeira de transformação da realidade injusta.” (FREIRE,2019).

Percebe-se a ação cultural dos moradores da Ouvidor 63 como um exercício diário de construção da democracia, existe uma vivencia co-laborativa entre os

moradores que problematiza a realidade urbana em que se inserem e desafia as estruturas de poder que os oprimem. Existe, neste sentido, o que Paulo Freire define como ação dialógica que está a serviço da libertação dos homens.

“A Ouvidor cria vínculos com a cidade a partir de abrir as portas (ocupar) de um espaço que é um bem cultural, e parte dos bens da cidade, e planejar outras lógicas para habitar a cidade, com o protagonismo de grupos invisibilizados, expressamos o que sentimos mediante o uso do espaço e a exposição de nossas ideias em festivais, galerias e oficinas.” (MEZA, 2023)

Essas contranarrativas produzidas pelos artistas ocupantes da Ouvidor 63 configuram forças sociais que realocam a cidade para seu lugar enquanto obra, valorizada pelo seu valor de uso, “e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, da direção das trocas, na direção dos produtos” (LEFEBVRE, 2016, p.12)

4. Considerações Finais

Embora ciente de que esse processo abriu mais indagações do que construiu repostas para os questionamentos iniciais, é possível desenhar algumas linhas que costumam a cultura como ferramenta política de conquista de direito à cidade. A cultura enquanto compartilhamento de memórias e tecnologias promove um diálogo capaz de abrigar uma pluralidade de vozes e desejos em uma postura concisa de resistência aos processos de massificação que a lógica mercadológica submete.

“Somente quando a política se concentrar na produção e reprodução da vida urbana como processo de trabalho essencial que dê origem a impulsos revolucionários será possível concretizar lutas anticapitalistas capazes de transformar radicalmente a vida cotidiana” (HARVEY, 2014, p.21)

Diante disso e a partir do espaço urbano como território coproduzido por diferentes forças sociais, faz-se urgente fortalecer ações culturais como a ocupação Ouvidor 63 que são capazes de ativar processos de autonomia, colaborando para a reconquista da cidade enquanto palco da vida comunitária.

Dessa forma, o que se defende aqui é o diálogo crítico e libertador, uma atitude coletiva que abriga as divergências próprias da vida urbana, uma ação cultural que alimenta os campos simbólicos do sentimento de pertencer e ativa processos de autonomia frente a produção dos espaços públicos urbanos, uma prática cotidiana que busca romper a paralisia do pessimismo neoliberalista e celebrar a cidade-festa, a cidade como espaço de encontros, de trocas e memórias coletivas.

Referências Bibliográficas:

- DAVID, Harvey. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana** / David Harvey; tradução Jeferson Camargo. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da libertação em Paulo Freire**. Brasil: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Brasil: Paz e Terra, 2019.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade** / Henri Lefebvre; [tradução Cristina C. Oliveira]. Itapevi, SP: Nebli, 2016.
- MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. 1.ed - São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. Brasil: EDUSP, 2022.

Apêndices

Apêndice A – Roteiro Oficina Flutua + Ouvidor 63

Escopo:

A oficina **Flutua + Ouvidor 63** propõe um espaço para trocas e compartilhamentos sobre a relação entre **arte, cultura, cidade e meio ambiente** através da apresentação do coletivo Flutua, compartilhando referências artísticas e técnicas de produção de estruturas infláveis e instalações urbanas com materiais recicláveis.

Quem é a Flutua?

FLUTUA é um coletivo que trabalha com oficinas educativas e estruturas infláveis feitas de resíduos plásticos em escolas, universidades, comunidades em situação de vulnerabilidade e eventos de artes, arquitetura e urbanismo, design e entretenimento.

Para saber mais acesse nosso site: <https://flutua.org/>

Público alvo: moradores e artistas da Ouvidor 63

Data: 07/05

Local: Centro Cultural Ouvidor 63

Horário: 13hrs da tarde

Duração: 4 hrs

Roteiro:

1. Apresentação:

- Quem é a Flutua
- contextualizar as relações da Flutua com arte, cidade, meio ambiente e educação.
- Diálogo sobre meio ambiente, materialidades plásticas e ressignificação de materiais recicláveis
- referências artísticas da Flutua - aproximação com o imaginário sobre infláveis, trazer referências voltadas para moda
- projetos da Flutua - Inflamável, PMIC, Tomie, Cabaninha, Paralela, Como Anda

- apresentação da técnica de soldagem
- Contextualização do tema Cultura e Direito à Cidade
- Provocação criativas para aquecer a prática
- Referências de projetos sobre direito à cidade, cultura e meio ambiente (Pymp my Carroça, Flutua, A Cidade Precisa de Você - Ecocidade...)

2. Prática:

- experimentação da técnica de solda
- conversa e desenho coletivo de um sonho inflável
- inflar

Materiais Necessários:

- projetor para apresentação de slides
- plásticos (sacolinhas plásticas + procurar doações)
- ferro de passar roupa
- extensão
- fita
- tesouras
- papel vegetal ou papel manteiga
- materiais de desenho - papel kraft, canetas
- ventilador

